



ARTIGO

# Conectividade e argumentação na microtextualidade: implícitos e construção de sentidos

## Connectivity and argumentation in microtextuality: implicit and meaning making

Nelci Vieira de Lima<sup>1</sup>   
Ana Lúcia Tinoco Cabral<sup>2</sup> 

<sup>1</sup>Instituto MultiSaberes, São Paulo, SP, Brasil.

<sup>2</sup>Instituto de Pesquisas Linguísticas "Sedes Sapientiae" para Estudos do Português,  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

E-mail: nevieira@gmail.com; altinococabral@gmail.com

**RESUMO:** O trabalho aborda a construção da conectividade textual marcada no nível micro-textual, explorando especificamente as ligações fundamentadas no implícito. Considerada como inerente a todo texto, a conectividade assegura o contínuo do texto mesmo diante da descontinuidade. Dito isso, os objetivos do artigo são investigar, em um exemplar de texto, como se dá a conectividade no nível microtextual sustentada pelas ligações fundamentadas no implícito; e refletir sobre a importância desse fenômeno textual para construção da argumentação. Para as análises realizadas foram consideradas categorias relativas às ligações fundamentadas no implícito propostas por Adam (2021 e 2022): as elipses, os pressupostos, os subentendidos, a intertextualidade. O tema invoca tanto produtor quanto leitor na produção de sentidos e, desse ponto de vista, traz perspectivas para os estudos da construção textual argumentativa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Microtextualidade, Conectividade, Implícito, Argumentação, Construção de sentidos.

**ABSTRACT:** The paper approaches the textual connectivity construction marked at the micro-textual level, specifically exploring links based on the implicit. Considered as inherent to every text, connectivity ensures the text continuity even in face of discontinuity. Having said that, the objectives of the article are to investigate, in a text exemplar, how connectivity occurs at the microtextual level supported by connections based on the implicit; and to reflect on the importance of this textual phenomenon for the argumentation construction. For the analyses carried out, categories related to connections based on the implicit proposed by Adam (2021 and 2022) were considered: ellipses, presuppositions, assumptions, intertextuality. The theme invokes both producer and reader in meaning making and, from this point of view, it brings perspectives to studies of argumentative textual composition.

**KEYWORDS:** Microtextuality, Connectivity, Implicit, Argumentation, Meaning Making.

### COMO CITAR

LIMA, Nelci Vieira de;  
CABRAL, Ana Lúcia  
Tinoco. Conectividade  
e argumentação na  
microtextualidade: implícitos  
e construção de sentidos.  
*Revista da Anpoll*, v. 54, n. 1,  
e1888, 2023. doi: <https://doi.org/10.18309/ranpoll.v54i1.1888>

# 1 Introdução

Os estudos do texto consolidaram a importância da conectividade no desenvolvimento textual, mostrando que a produção textual constitui um arranjo linguístico e semântico que envolve muitas estratégias para a construção dos sentidos desejados pelo produtor, mediante um processo que promove conexão e integração entre partes, ou seja, entre escolhas de palavras que se articulam na composição do todo textual.

Todo texto é, de um lado, resultado de um processo de escolhas do produtor em função de um querer dizer; escolhas de diversas ordens, linguísticas e também da organização do discurso e do contexto sócio-histórico em que acontece a produção. De outro lado, o texto é, do ponto de vista do leitor, um todo dotado de sentidos que ele precisa reconstruir para construir seus próprios sentidos, a partir de sua realidade sociocultural e de seu contexto sociocognitivo. Esses processos correspondem ao que Philippe e Adam (2015) chamam de *juízo de textualidade*, que se baseia em um sentimento triplo: “de *conectividade* (ligações microtextuais dos enunciados), de *coesão* (sentimento de totalidade local e global, das partes em si e das partes em relação com o todo textual) e de *coerência* (sentimento de adequação dos enunciados a uma situação socio-discursiva e a um gênero do discurso)” (Philippe; Adam, 2015, p.45-46)<sup>1</sup>.

Esses autores lembram que a descontinuidade se inicia com a segmentação do texto, em partes, parágrafos, períodos, e mesmo palavras, mas observam que, “ao mesmo tempo, essas unidades textuais estão, com base em instruções dadas por diversos marcadores, ligadas entre elas por *operadores de ligação* que constroem o contínuo textual sobre a descontinuidade” (Philippe; Adam, 2015, p.56)<sup>2</sup>. Existe, pois, no texto, uma intrínseca conexão. Philippe e Adam (2015) e Adam (2021; 2022) propõem categorias ligadas à conectividade textual tributária da microtextualidade, considerando o nível inter-frástico e inter-periódico: 1. conectividade e coesão semânticas (anáforas, progressão temática, isotopias); 2. conectividade sustentada por marcas de conexão (organizadores e conectores); 3. ligações operadas pela materialidade significativa (gráfica, fônica, paralelismos); 4. coesão e transição enunciativas; 5. laços entres atos de discurso; 6. ligações fundamentadas no implícito (não dito). Essas categorias vêm sendo estudadas e investigadas desde a segunda metade do século XX, quando os estudos linguísticos fizeram do texto um de seus principais objetos de pesquisa. Algumas delas, como os organizadores e conectores, ou as anáforas e a progressão temática têm sido objeto de trabalhos que trouxeram muitos avanços nos estudos do texto, como, por exemplo, as propostas de Mondada e Dubois (2003), Cavalcante (2011) e de Cavalcante e Brito (2013) sobre processos de construção referencial, ou os estudos sobre operadores argumentativos propostos por Koch (2006 e 2008). Buscando um fenômeno pouco explorado do ponto de vista da construção da conectividade textual marcada no nível microtextual, elegemos, neste trabalho, investigar as *ligações fundamentadas no implícito*. Essa escolha se justifica também porque ela invoca tanto

<sup>1</sup> de *connexité* (liages micro-textuels des énoncés), de *cohésion* (sentiment de totalité locale et globale, des parties elles-mêmes et des parties en relation avec le tout textuel) e de *cohérence* (sentiment d'adéquation des énoncés à une situation socio-discursive et à un genre de discours) (tradução nossa)

<sup>2</sup> En même temps, ces unités textuelles sont, sur la base des instructions données par divers marqueurs, reliées entre elles par des *opérations de liage* qui fabriquent le continu textuel sur le discontinu. (tradução nossa)

produtor quanto leitor e, desse ponto de vista, traz perspectivas importantes para os estudos da construção textual argumentativa.

Estabelecemos dois objetivos. O primeiro é investigar, em um exemplar de texto, como se dá a conectividade no nível microtextual sustentada pelas ligações fundamentadas no implícito. O segundo é refletir sobre a importância desse fenômeno textual para construção da argumentação. Para tanto, o presente texto organiza-se em cinco partes, sendo a primeira esta introdução. Na segunda parte, apresentamos breves fundamentos teóricos relativamente às categorias microtextuais de conectividade; na terceira parte, expomos especificamente as *ligações fundamentadas no implícito*; na quarta parte, analisamos um texto explorando as *ligações fundamentadas no implícito*; na quinta, trazemos a conclusão.

## 2 A conectividade textual assegurada por estratégias ligadas à microtextualidade

Apresentamos nesta seção cinco das seis formas de conectividade ligadas à microtextualidade textual propostas por Adam (2021 e 2022). A sexta, que é foco de nossa análise, abordamos na próxima seção. Os cinco fenômenos são, respectivamente: conectividade e coesão semânticas, conectividade sustentada por marcas de conexão, ligações operadas pela materialidade significativa, coesão e transição enunciativas, laços entres atos de discurso.

A *conectividade e coesão semânticas* referem-se à progressão semântica do texto. No processo de renovação semântica constante, próprio do texto, ao longo de seu desenvolvimento, é fundamental que os sentidos renovados se mantenham interligados ao que foi dito anteriormente no próprio texto; o fenômeno da *conectividade e coesão semânticas* propicia essa interligação.

Os principais fenômenos ligados à conectividade e coesão semânticas dizem respeito aos processos de construção referencial, destacando-se as anáforas (Adam, 2021), a progressão temática e as isotopias. Atualmente, a referenciação é compreendida como a construção de um objeto de discurso (Mondada e Dubois, 2003, p. 21; Koch, 2015), construído no e pelo texto. Podemos afirmar, pois, que a conectividade e coesão semânticas se consolidam pela seleção lexical e pela variação lexical, que promovem a constante recategorização dos referentes, mantendo, simultaneamente, a continuidade referencial, possibilitando ao leitor identificar que se trata de um objeto de discurso que perpassa o texto. O produtor do texto opera sobre as possibilidades que a língua oferece e faz escolhas significativas para representar estados de coisas, com vistas à concretização de sua proposta de sentido; desse ponto de vista, os processos de referenciação são escolhas do sujeito em função de um querer-dizer; são portanto, argumentativamente orientados.

A análise da conectividade e coesão semânticas concerne também às isotopias presentes no texto. A isotopia, no sentido proposto por Adam (2021), abrange a totalidade dos vocábulos de um texto e contempla a variação lexical em tensão com a continuidade de sentidos, por meio da seleção de palavras que podem ser enquadradas em determinados campos semânticos.

A *conectividade sustentada por marcas de conexão* contempla os organizadores textuais e os conectores. Esses dois tipos de marcas de conexão são responsáveis por sinalizar os movimentos de construção textual. Vale distinguir, entre suas funções, conforme Adam (2011, p. 179-180), três tipos de marcadores de conexão: os organizadores e marcadores textuais, os

conectores argumentativos e os marcadores de responsabilidade enunciativa. Esses três tipos de conectores têm como função fundamental marcar uma conexão entre duas unidades de sentido; adicionalmente à função conectiva, eles podem indicar uma orientação argumentativa (conectores argumentativos) ou a responsabilidade enunciativa (marcadores de responsabilidade enunciativa) (Adam, 2011). A função argumentativa encontra-se não apenas nos conectores argumentativos, mas também nos marcadores de responsabilidade enunciativa, que marcam um posicionamento do produtor relativamente ao conteúdo de seu texto.

Os organizadores textuais estruturam a progressão textual e a indicação das diferentes partes do texto, fornecendo pistas relativas às partes que compõem a representação discursiva nos eixos maiores do tempo e do espaço, sendo responsáveis pela estruturação da progressão do texto e pela indicação de suas diferentes partes.

As *ligações operadas pela materialidade significativa* (Adam, 2022) dizem respeito a repetições gráficas, fônicas e de estruturas de construção, como as construções paralelas, com semelhanças no agenciamento dos componentes sintáticos que asseguram a coesão textual, promovendo conexão entre as partes do texto. Essas ligações se baseiam em repetições de sílabas, partes de vocábulos, palavras, enunciados, ou mesmo a estrutura frasal do enunciado. Tais estratégias permitem associar partes do texto por semelhança de composição entre elas, conferindo destaque aos segmentos repetidos, que assumem papel importante na orientação argumentativa do conjunto textual.

O quinto fenômeno de ligação na microtextualidade diz respeito à *coesão e transição enunciativas* (Adam, 2021 e 2022), ou seja, a manutenção da “unidade de porções de texto e as transições entre seções enunciativas heterogêneas” (Adam, 2022, p.88). Existem três categorias de fatos enunciativos que garantem a unidade pela coesão e transição enunciativa: os confrontos de pontos de vista decorrentes da atribuição dos enunciados, as variações dos planos de enunciação e as correspondências meta-enunciativas do dizer sobre o dito (Adam, 2021).

Assim, por exemplo, o discurso direto, o emprego de aspas, o discurso indireto, o indireto livre e o discurso narrativizado indicam, conforme Adam (2021 e 2022), enunciados provenientes de locutores diferentes, marcando a heterogeneidade enunciativa. As marcas pronominais, lembra Adam (2021), determinam uma configuração enunciativa, o plano enunciativo. O emprego do pronome “eu”, assim como formas que indicam certeza, como os verbos no futuro ou o imperativo, por exemplo, marcam engajamento enunciativo.

Os *laços entre atos de discurso* têm a ver com a dimensão actancial da textualidade e consideram que o texto constitui uma sucessão de atos de discurso mais ou menos ligados, formando uma sequência de atos, hierarquizados no cumprimento de diversas funções que promovem inclusive a construção argumentativa do texto.

### **3 Conectividade textual assegurada por ligações fundamentadas no implícito: uma estratégia para a argumentação**

Pensar na conectividade textual propiciada por *ligações fundamentadas no implícito* remete ao fato de que nenhum texto traz explicitadas todas as informações; ao contrário, há uma série de informações não ditas para as quais o produtor deixa pistas, mas cabe ao leitor construí-las, ou reconstruí-las. É por isso que Philippe e Adam (2015, p. 60) afirmam que “todo

texto é menos um tecido denso e pleno do que uma renda”<sup>3</sup>. A renda é plena de espaços, que, é certamente com o bordado construído pelos fios trançados, compõem a beleza da peça rendada; sem os espaços vazios, a renda não teria a magia de sua beleza. Assim também é o texto; ele traz lacunas de informações deixadas para o leitor preencher. Essas lacunas permitem que cada leitor invoque seus conhecimentos, seus objetivos e suas motivações para a construção dos sentidos que ele avaliará como pretendidos pelo produtor, o qual deixou lacunas e pistas em conformidade com suas intenções de dizer.

Com base em Ducrot (1977), Cabral (2021, p. 154) afirma que a noção de implícito tem a ver com o “fato de que não podemos dizer tudo, e por múltiplas razões” inclusive porque o discurso ficaria muito longo. O produtor de um texto conta com a colaboração de seus leitores e, segundo Adam (2021), ele deve supostamente prever as informações faltantes que seu leitor será capaz de restabelecer. O restabelecimento inferencial das informações implícitas é um elemento fundamental tanto para a compreensão como para a produção de um texto (Coirier; Gaonac’h; Passerault, 1996). Essa reconstrução é importante igualmente para a construção argumentativa. Conhecer as possibilidades de conexão textual propiciadas por ligações fundamentadas no implícito, acreditamos, contribui para uma leitura mais crítica, atenta às argumentações presentes no texto.

Adam (2021 e 2022) propõe formas de “não dito” que devem ser consideradas na análise textual, e, certamente, na escrita e na leitura: as elipses, os pressupostos, os subentendidos, a intertextualidade.

As elipses dizem respeito à omissão de um elemento recuperável de alguma maneira no texto, seja pelo contexto, seja por raciocínio inferencial. As formas mais usuais de elipses são aquelas em que algum referente é retomado por zero. As elipses gramaticais (Dubois *et al.*, 1998) apelam ao conhecimento da gramática da língua na recuperação do elemento elíptico que permite construir a ligação e atribuir sentidos coerentes ao todo textual. Um exemplo são os verbos cujos sujeitos estão elípticos e podem ser recuperados no cotexto, e/ou pelo conhecimento gramatical simplesmente.

Outra forma de elipse diz respeito ao fato de que “em certas situações, não é indispensável pronunciar certas palavras para que o destinatário compreenda” (Dubois *et al.*, 1998, p. 207). O acesso à informação se dá pelo cotexto, a porção textual precedente, ou a posterior. Muitas informações não precisam ser repetidas, nem mesmo ditas. Para tanto, contamos com conhecimentos que permitem reconstruir informações relativas a frames e scripts, ou seja, esquemas cognitivos de atuação no mundo e de elementos pertinentes a situações que dão conta de situações conhecidas. Eles são responsáveis por muitas atividades cognitivas que, no processo de leitura contribuem para a construção dos sentidos. Relativamente aos conteúdos elípticos, esses esquemas permitem a geração de inferências necessárias para restabelecimento da informação implícita, a antecipação da organização posterior do texto, predizendo os elementos necessários à continuidade textual.

Adam (2022) explora, em suas análises, as construções em forma de entimema, em que ocorre a elipse de uma das premissas de um silogismo, a qual é dada como de conhecimento e admitida pelo leitor, permitindo conduzir a determinada conclusão por um raciocínio

---

<sup>3</sup> tout texte est certainement moins un tissu dense et plein qu’une dentelle (tradução nossa)

inferencial que recupera implicitamente a premissa elíptica. Não podemos ignorar a força argumentativa dos raciocínios baseados em entimemas.

Os pressupostos, outra forma de *ligação fundamentada no implícito* postulada por Adam (2021 e 2022), constituem, conforme definição proposta por Kerbrat-Orecchioni (1986, p. 25),

todas as informações que, sem serem abertamente postas (isto é, sem constituir em princípio o verdadeiro objeto da mensagem a transmitir), são, no entanto, automaticamente trazidas pela formulação do enunciado, no qual elas se encontram intrinsecamente inscritas, seja qual for a especificação do quadro enunciativo <sup>4</sup>.

A definição de Kerbrat-Orecchioni deixa clara a inscrição linguística do pressuposto. Isso quer dizer que o pressuposto é marcado linguisticamente, diz respeito à seleção lexical de uma palavra que, além de um conteúdo posto dito de forma clara, traz um conteúdo pressuposto que deve ser reconhecido pelo leitor, com base na informação trazida pela própria expressão linguística. Conforme Ducrot (1977 e 1987), o pressuposto faz parte do significado da expressão linguística, motivo pelo qual o leitor é impelido a aceitar esse conteúdo (Cabral, 2021). Maingueneau (1996, p. 93) corrobora o entendimento de que o pressuposto é marcado linguisticamente: “qualquer locutor que sabe o português pode, em princípio, identificar os pressupostos”.

Com base em Ducrot (1987), Cabral (2021, p. 155) afirma que “os implícitos nos permitem resguardar nossas intenções na medida em que eles nos protegem de protestos e de recusas”, o que evidencia que os pressupostos cumprem um papel importante na construção da argumentação, por colocarem o discurso no nível de um acordo entre produtor e leitor. A esse respeito, retomamos Maingueneau (1996), para quem o pressuposto pode ser usado com fins manipuladores.

Muitas vezes, afirma-se algo com a intenção de que o leitor, com base no que está afirmado, chegue a alguma conclusão que não está dita, mas pode ser construída. É um caso de subentendido, definido por Ducrot (1987, p.20) como “o que deixo meu ouvinte concluir”. O subentendido é marca de *ligação fundamentada no implícito* (Adam, 2021; 2022)

Do ponto de vista textual, o conteúdo subentendido é planejado pelo produtor para que o leitor tire suas conclusões com base no que está dito. Conforme Ducrot (1987, p.19), o subentendido “permite acrescentar alguma coisa sem dizê-la, ao mesmo tempo em que ela é dita”. Cabral (2021) explica que o contexto permite que um conteúdo subentendido seja construído; ele exige, “por parte do interlocutor, um raciocínio que permita tirar determinadas conclusões do enunciado, as quais o locutor pode rejeitar” (Cabral, 2021, p. 156). Por isso, a responsabilidade relativamente aos conteúdos subentendidos fica para o leitor, que, com base no que está expresso no texto, constrói um raciocínio e, considerando o contexto, chega a determinadas conclusões, por sua conta e risco. O subentendido é, pois, construído, não encontrado.

<sup>4</sup> toutes les informations qui, sans être ouvertement posées (i.e. sans constituer en principe le véritable objet du message à transmettre), sont cependant automatiquement entraînées par la formulation de l'énoncé, dans lequel elles se trouvent intrinsèquement inscrites, quelle que soit la spécificité du cadre énonciatif. (tradução nossa)

O recurso à intertextualidade constitui outra estratégia para a conectividade textual na estrutura microtextual baseada em *ligação fundamentada no implícito* (Adam, 2021 e 2022). A intertextualidade, segundo Koch, Bentes e Cavalcante (2007, p.17) “ocorre quando, em um texto, está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido, que faz parte da memória social de uma coletividade”. Nem toda intertextualidade acontece com inserção explícita. A intertextualidade implícita ocorre quando a inserção é feita sem a menção explícita da fonte. As autoras mencionadas destacam o caráter argumentativo da intertextualidade implícita, seja para reforçar algum conteúdo do texto, seja para colocar em questão o texto alheio inserido no próprio texto.

Relativamente ao reconhecimento das relações intertextuais implícitas, Koch, Bentes e Cavalcante (2007, p. 30-31) comentam que “nos casos de intertextualidade implícita, o produtor do texto espera que o leitor/ouvinte seja capaz de reconhecer a presença do intertexto, pela ativação do texto-fonte em sua memória discursiva, visto que, se tal não ocorrer, estará prejudicada a construção do sentido” (Koch, Bentes e Cavalcante (2007, p. 30-31). As autoras observam que, embora muitos intertextos tenham como texto-fonte obras literárias bastante conhecidas e divulgadas na mídia, esse fato nem sempre garante o reconhecimento da relação intertextual por parte do leitor, que necessita ter conhecimentos para estabelecer tal relação.

Os postulados de Adam (2011; 2021; 2022) relativamente aos procedimentos de ligação na microtextualidade permitem compreender a importância dessas marcas tanto para a unidade textual que conduz a uma construção de sentidos coerente quanto para a construção argumentativa, que, de um lado, assegura a construção textual conforme um querer dizer do produtor e, de outro, traz pistas para que o leitor identifique as intenções do produtor e possa assumir um posicionamento crítico diante do texto.

## **4 Implícitos e conectividade em um exemplar textual: um breve exercício de análise**

O texto em análise foi publicado no jornal Folha de S. Paulo, em agosto de 2021, período em que muito se discutia sobre políticas de liberação e de controle ao uso excessivo de agrotóxicos no país. Consta do mesmo período, notícia de abertura, pelo Ministério Público Federal (MPF), de inquérito civil público (ACP) para apurar e tomar providências sobre a liberação excessiva de agrotóxicos pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), sob vigência do Governo Federal da época, acusado de bater recorde no aumento da liberação comparativamente a governos anteriores.

Dada a seriedade e o caráter polêmico do tema, uma vez que envolve também questões políticas, jornais de grande circulação abriram espaço para a publicação de artigos de opinião que discutissem o assunto, promovendo, assim, o debate público. Como de praxe também, a imprensa convidou à publicação, aqueles que têm autoridade para tomar a palavra e se posicionar, como pesquisadores, por exemplo.

Para tratar sobre o uso excessivo de agrotóxicos na agricultura brasileira, a Folha convidou um doutor em agronomia e professor titular na Universidade Federal de Santa Catarina e uma doutora em química, também professora titular na mesma instituição, que escreveram um artigo de opinião, publicado pelo jornal, no dia 22 de agosto de 2021, e disponível no

link <https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2021/08/quao-seguro-e-se-fartar-de-pao.shtml>. A publicação se deu na seção Tendências e Debates, cujos textos, conforme esclarece o jornal, “não traduzem” sua opinião, e cumprem o “propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo”.

Os autores optaram por delimitar o tema e tratar sobre o uso de herbicidas, prejudiciais à saúde humana, especificamente, no cultivo do trigo no país, por meio de um plano de texto marcado, ainda que implicitamente, pela analogia e pela metáfora do pão como alimento sagrado. O fio condutor da argumentação revela-se logo no título do artigo, como observamos em (1):

(1) Quão seguro é se fartar de pão?

Novas técnicas agrícolas e genéticas têm ameaçado a sadia qualidade do trigo

A pergunta retórica posta no título do texto evidencia a intenção de impelir o leitor à reflexão, se o pão é ou não um alimento seguro para ser consumido. Além disso, essa pergunta põe a dúvida, mas pressupõe que haja alguma segurança e que o pão é um alimento do qual todos querem se fartar, haja vista ser um alimento que, além de popular, pertence a uma memória coletiva.

O subtítulo também pressupõe a salubridade do trigo, grão do qual se produz o pão, alimento saudável, mas “ameaçado” pelas “novas técnicas agrícolas e genéticas”. A atualidade da questão se marca tanto na escolha da perífrase verbal no presente do indicativo “têm ameaçado”, quanto na adjetivação “novas”, pressupondo que as técnicas antigas seriam mais seguras que as modernas.

Ainda no título, a escolha do advérbio “quão” parece invocar a erudição, própria dos textos bíblicos. Justamente aí, há um convite à leitura das entrelinhas, do não dito, essencial à construção dos sentidos pretendidos: o pão é elemento sacro no simbolismo religioso, na cultura judaico-cristã. Vale lembrar que o primeiro milagre operado por Cristo se deu com a multiplicação dos pães.

O uso da forma verbal “fartar-se” também remete à ideia de “pão à mesa”, princípio bíblico do alimento para o povo faminto, que tem no pão o símbolo da segurança alimentar. O pão faz parte do imaginário popular como alimento sagrado. Os judeus, por exemplo, comem, na festa de Pessach, páscoa judaica, o pão ázimo, sem fermentação, para lembrar os tempos da diáspora, de insegurança alimentar, em que não era possível se fartar do pão.

O exemplo (2) traz a conectividade textual assegurada por ligações fundamentadas no implícito, utilizadas como estratégia argumentativa pelos autores. Logo no primeiro parágrafo, o texto apresenta um elemento intertextual explícito, trecho de uma música popular brasileira:

(2) “Debulhar o trigo. Recolher cada bago do trigo. Forjar no trigo o milagre do pão. E se fartar de pão.” A importância do trigo para a alimentação humana vem sendo reconhecida há milênios, de diferentes maneiras, como na poesia e melodia por Chico Buarque de Holanda e Milton Nascimento. Foi um dos cereais mais importantes como alimento de muitas civilizações ao longo da história. Nos últimos anos, 9% da área agricultável do mundo têm sido cultivadas para produzir trigo.

A escolha do fragmento musical não foi aleatória, pois os versos recuperam e se conectam à ideia trazida no título, do pão em abundância, alimento do qual o povo pode se fartar



e matar a fome. Os versos também aludem ao simbolismo religioso, tomando como base a sacralidade do elemento trigo e sua transformação no pão que sacia o corpo e a alma.

Importa pensar que, no contexto religioso cristão, pão é metáfora para corpo de Cristo e representa, simbolicamente, alma. Nesse sentido, o “milagre do pão”, cantado nos versos selecionados pelos autores para estabelecer uma dialogicidade, é também o milagre da transformação, ou seja, da conversão. No discurso religioso cristão, a transformação do trigo em pão é metáfora para conversão, e faz alusão à ideia de vida nova que, sem pecado, pode se fartar da graça cristã. Na teologia da prosperidade, estar na graça, ou seja, convertido, é estar na fartura, na prosperidade material.

Na progressão do primeiro parágrafo, após a intertextualidade com o texto poético, explana-se sobre a importância do trigo para alimentação humana ao longo da história e apontam-se dados atuais sobre o cultivo do trigo, que ocupa “9% da área agricultável do mundo”. Cumpre destacar que o dado numérico fecha o parágrafo, introduzindo um discurso novo, agora fundamentado na ciência, em argumentos concretos. Recorrer ao dado numérico traz à tona a autoridade do discurso científico, sem nomeá-lo. É o não dito que afirma.

O artigo é composto por 7 parágrafos, conectados pela ideia central e implícita, de que se o trigo representa a vida, os resíduos químicos dos agrotóxicos representam a morte.

De forma planejada e sagaz, os autores vão tecendo a renda do texto científico com a sacralidade simbólica do pão. A vida (trigo) e a morte (resíduos químicos de herbicidas cancerígenos) representam a própria dicotomia judaico-cristã, do bem e do mal. E como toda renda é composta por espaços vazios, cabe ao leitor preencher esses vazios deixados pelo não dito.

Embora dotado de viés científico, marcado por uma argumentação baseada em fatos e em argumentos de autoridade, a sacralidade simbólica do pão vai sendo, implicitamente, apresentada ao leitor, com em (3):

(3) Presentemente, avanços científicos e tecnológicos têm ameaçado a sadia qualidade do trigo. No Brasil, **o pão nosso de cada dia pode nos dar hoje resíduos de até 108 diferentes ingredientes ativos de agrotóxicos**, com o agravante de que 39 deles (36,1%) já são proibidos em outros países. (Grifos nossos)

No trecho destacado, notamos o recurso à intertextualidade implícita, sem menção ao texto-fonte. É esperado que o leitor recupere em sua memória discursiva a oração do Pai Nosso, ensinada por Jesus, no novo testamento. A representatividade da oração é grande no meio cristão, e os versos citados fazem alusão ao pão que sustenta e mata a fome, garantido pela misericórdia e bondade do pai que está no céu, a fim de que todos tenham vida. No bojo do interdiscurso, o pão já não é tão sagrado assim e pode, ao invés da vida, levar à morte, uma vez que “pode nos dar hoje resíduos de até 108 diferentes ingredientes ativos de agrotóxicos, com o agravante de que 39 deles (36,1%) já são proibidos em outros países”.

Mais uma vez, as análises comprovam que o não dito se estabelece fundamentando a conectividade textual. A tessitura vai sendo construída pela relação dito e não dito e, somente por meio de processos de inferência, as lacunas podem ser preenchidas e os sentidos estabelecidos.

Do terceiro ao quinto parágrafo, a progressão textual se dá com base em argumentos científicos relativos aos malefícios dos agrotóxicos à saúde humana. Os autores enumeram diversas enfermidades associadas aos herbicidas usados atualmente no cultivo do trigo, no

Brasil: “diabetes, obesidade, depressão, infertilidade”, aumento da doença celíaca, “desequilíbrios nas bactérias intestinais, deterioração de enzimas envolvidas com a desintoxicação de toxinas ambientais; deficiências de ferro, cobalto, molibdênio, metionina; risco de linfoma não Hodgkin; e problemas reprodutivos, entre outros”. Pelo volume de exemplos mencionados, fica implícito que, na tensão entre sagrado e científico, os argumentos científicos devem prevalecer, o que se comprova no desenvolvimento do texto.

Embora não haja nesses parágrafos nenhum elemento intertextual, a conectividade fundada no implícito é manifestada na presença simbólica da morte, representada pelo uso indiscriminado de agrotóxicos no cultivo do trigo. Além disso, argumenta-se que, embora o uso de alguns herbicidas seja autorizado apenas no cultivo, no Brasil, há denúncias de uso também na dessecação do trigo, o que seria ainda mais prejudicial à saúde humana. No sexto parágrafo, a ideia de ameaça à vida é reforçada pelo alarde da possibilidade de autorização do cultivo e comercialização do trigo transgênico no Brasil.

Por fim, no sétimo e último parágrafo, os autores concluem a argumentação, convocando o leitor a tomar como pressuposto que só é possível recuperar “a qualidade do trigo e, consequentemente, de seus produtos derivados”, por meio da postura crítica perante a realidade e da participação no debate público sobre o assunto. O pressuposto se confirma pelo uso do operador argumentativo “se”, que traz a ideia de condicionalidade e não de certeza: a classificação do trigo, e de seus derivados, como alimento insalubre, prejudicial à vida humana ainda pode ser revertida por meio da luta contra o uso indiscriminado dos agrotóxicos.

(4) Se a sadia qualidade do trigo e, consequentemente, de seus produtos derivados não for recuperada por meio da produção e consumo do cereal sem resíduos de agrotóxicos causadores de doenças e sem a transgenia, o encanto cantado por Chico Buarque e Milton Nascimento, mesmo que fique no imaginário, fará com que muitas pessoas já não se “fartem de pão” devido às consequências dos perversos resíduos nele contido.

Os atores concluem o parágrafo com a forma verbal “fará”, no futuro do presente, futuro de certeza, seguida de uma asserção negativa que anula todo o imaginário ligado ao pão como alimento básico sagrado: “muitas pessoas já não se fartem.

Ainda em (4), a conectividade fundamentada no implícito se faz presente na escolha do adjetivo “perversos” para qualificar negativamente os resíduos contidos no trigo. A escolha é uma questão enunciativa, uma vez que “perverso”, conforme sentido dicionarizado diz respeito àquele ou àquilo que “revela perversão”, “que tem má índole”, “tem tendência a praticar crueldades”. Ao classificar os resíduos deixados no trigo pelo uso de herbicidas como perversos, invoca-se, novamente, a dicotomia cristã de bem e mal, de morte e vida.

Os agrotóxicos poderiam ter sido classificados como prejudiciais, contaminantes, nocivos, insalubres, escolhas mais apropriadas ao discurso científico; “perversos” está ligada ao não dito, ou seja, à metáfora do pão da vida, da sacralidade do pão. Essa escolha lexical permite inferir que, se o pão é a vida, e se o milagre do pão é a transformação, ou seja, a conversão da vida impura à vida imaculada, sem pecados, os herbicidas podem facilmente servir como metáfora para o pecado, representando as impurezas que maculam o trigo.

## 5 Conclusão

O presente estudo objetivou investigar a conectividade no nível microtextual sustentada pelas ligações fundamentadas no implícito, promovendo reflexões sobre a importância desse fenômeno tanto para a construção da argumentação, quanto para a produção de sentidos, por parte do produtor e do leitor. As análises realizadas consideraram categorias relativas às ligações fundamentadas no implícito propostas por Adam (2021; 2022): as elipses, os pressupostos, os subentendidos, a intertextualidade e apontaram para a relevância desses elementos na tessitura do texto.

O texto analisado, um artigo de opinião sobre o risco do uso de herbicidas no cultivo do trigo, foi construído por meio de dois polos de tensão: de um lado, o discurso religioso, que apela à emoção, à fé, ao sagrado, com vistas à manutenção da tradição, do consumo do pão, como alimento popular, cultural e simbólico de diversos povos; de outro, o discurso científico, que convoca o leitor à razão, de que as evidências científicas precisam ser consideradas tanto pelos órgãos públicos, na decisão de autorizar ou de proibir o uso de agrotóxicos na agricultura brasileira, quanto pelos consumidores que precisam assumir um posicionamento participativo no debate, de modo a pressionar esses órgãos para a tomada da melhor decisão. No texto, o não dito, marcado pelo discurso religioso e pela alusão à sacralidade do pão, é usado em contraposição aos malefícios presentes nele, expostas pelo discurso científico; prevalecem as evidências científicas.

Assim, as análises apresentadas levam-nos a concluir que a conectividade no nível microtextual sustentada pelas ligações fundamentadas no implícito é uma categoria que, embora pouco estudada, tem grande importância para os estudos da conectividade textual e da argumentação.

## REFERÊNCIAS

- ADAM, Jean-Michel. *A noção de texto*. Trad. Maria das Graças Soares Rodrigues, João Gomes da Silva Neto e Luis Passeggi. Natal: EDUFERN, 2022. Disponível no link: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/44991>
- ADAM, Jean-Michel. *Micronível, mesonível e macronível da estrutura textual*. *Revista Letra Magna*, ano 17, n. 27, 2021.
- ADAM, Jean-Michel. *A linguística textual introdução à análise textual dos discursos*. 2. ed. rev. aum. São Paulo: Cortez, 2011.
- CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. Aula XIII: A pressuposição na ADL. In: BEHE, Louise; CAREL, Marion; DENUC, Coentim; MACHADO, Julio Cesar (org.) *Curso de semântica argumentativa*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. p. 153-168.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas*. Fortaleza: Edições UFC, 2011.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BRITO, Mariza Angélica. Anáforas Encapsuladoras Traços Peculiares aos rótulos. *Revista de Letras*, Fortaleza, v. 32, n. 1, p. 29-36, 2013. [http://www.repositorio.ufc.br/ri/bitstream/riufc/13044/1/2013\\_art\\_mmcavalcantemapbrito.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/ri/bitstream/riufc/13044/1/2013_art_mmcavalcantemapbrito.pdf)
- COIRIER, Pierre; GAONAC'H, Daniel; PASSERAULT, Jean-Michel. *Psycholinguistique textuelle une approche cognitive de la compréhension et de la production des textes*. Paris: Armand Colin, 1996.

- DUBOIS, Jean *et al.* Dicionário de Linguística. São Paulo Cultrix, 1998.
- DUCROT, Oswald. *Princípios de semântica linguística*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *L'implicite*. Paris: Armand Colin, 1986.
- KOCH, Ingedore Villaça. *Introdução à linguística textual*. São Paulo: Contexto, 2015.
- KOCH, Ingedore Villaça. *As tramas do texto*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2008.
- KOCH, Ingedore Villaça. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 2006.
- KOCH, Ingedore Villaça; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães *Intertextualidade: diálogos possíveis*. São Paulo: Cortez, 2007.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Pragmática para o discurso literário*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construção de objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães *et al.* (org.) *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.
- PHILIPPE, Gilles; ADAM, Jean-Michel. Continuité et textualité. In: ADAM, Jean-Michel. (dir.) *Faire Texte Frontières textuelles et opérations de textualisation*. Besançon: Presses universitaires de Franche-Comté, 2015, p. 36-80.
- FAYOL, Michel.; FOULIN, Jean-Noël, MAGGIO, Séverine; LÉTÉ, Bernard. Towards a Dynamic Approach of How Children and Adults Manage Text Production. In: GRIGORENKO, Elena; MAMBRINO, Elisa; PREISS, David (ed.) *Writing a mosaic of new perspectives*. New York; London: Psychology Press/Taylor & Francis Group, 2012, p. 141-158.
- GAONAC'H, Daniel; FAYOL, Michel (coord.). *Aider les élèves à comprendre du texte au multimédia*. Paris: Hachette, 2003.

### **CONTRIBUIÇÃO DAS AUTORAS**

**NVL:** Conceptualização, Escrita – análise e edição; **ALTC:** Conceptualização, Escrita – análise e edição.